

## 4

### “A praça é muito legal”

**O mesmo banco, a mesma praça, as mesmas flores, o mesmo jardim”-**

Moacir Franco

Ao assumir o desafio de pesquisar crianças em um espaço público, muitas eram as minhas expectativas antes da entrada em campo. Perguntava-me sobre como seriam as interações entre crianças e adultos naquele local. Ao longo da elaboração do projeto, ao anunciar minha opção por observar crianças em uma praça, várias pessoas me traziam contribuições, me contavam sobre suas infâncias na praça de seu bairro e como era a experiência de acompanhar seus filhos nos espaços públicos de nossa cidade. Alguns se mostravam surpresos com as mudanças na geografia e nos hábitos dos cariocas. A frase “no meu tempo...” esteve presente com um pouco da nostalgia e saudade de uma época “que não volta mais”.

Agora, ao escrever, vejo que essas conversas e minha experiência pessoal com as praças que frequentei e, até mesmo, com a Praça Xavier de Brito, fizeram com que eu já fosse para o campo com algumas idéias em mente. De antemão, não esperava provar nenhuma hipótese, mas, por vezes, me surpreendia com o que via, já que o observado, nem sempre correspondia às minhas expectativas. A dinâmica da praça não se parecia com a dinâmica de outros espaços. Instigada, chegava a duvidar do meu olhar de pesquisadora e me perguntava: Onde está aquele grupo de crianças que vai à praça todo dia às 9:00 horas? Onde estão os brinquedos que, por vezes, proporcionam interação entre as crianças como: a bola, os carrinhos, as bonecas, a corda? Deixar minha idéia sobre o que seria um espaço adequado para as crianças e perceber a praça como ela realmente era foi um desafio. Para entender ou, até mesmo, delimitar os caminhos que tomaria a pesquisa passei a me ocupar de uma observação que ia além das crianças na praça. Deixei-me tomar pela praça, me entreguei a conhecê-la. Seduzia-me a dinâmica do local. Muitas vezes estive ali somente olhando os homens jogando nas mesas, um casal de namorados ou as mudanças que as estações do ano causavam em sua vegetação. Ia pelo prazer de estar em seus bancos, em seu sossego ou em seu agito. A praça

tornou-se parte de minha rotina. Nem sempre por muito tempo. Às vezes, só uma passadinha ou um olhar esticado pela janela do carro. Lá estava ela, linda, dinâmica, com seu chafariz, com suas mesinhas de jogos ocupadas e com seus balanços sendo conduzidos pelas crianças em um bailado quase sincronizado. Que feliz escolha para uma pesquisa de campo! Que liberdade este espaço me dava! Como pesquisadora tinha a possibilidade e o privilégio de conhecer, com olhos atentos, aquele lugar. Como cidadã, ia percebendo, à medida que me aproximava da praça, o quanto andava distante de meu bairro, como vinha fazendo da cidade, local de passagem.

Nos primeiros dias da pesquisa de campo, foi colocada em xeque não só a relação que mantinha depois de adulta com a cidade, como também fui tomada por lembranças que envolviam a minha infância na cidade: as idas ao bar da esquina em busca da bala “7 Belo”, as brincadeiras de carniça e pique bandeira, as muitas vezes em que fui “café com leite” nos jogos dos mais velhos e tudo o que, ontem e hoje, me aproxima e me afasta da cidade.

As primeiras observações do campo foram realizadas nos finais de semana. Nesses dias, a praça mostrava-se como um caldeirão borbulhante, cheio de pessoas envolvidas com seus diversos atrativos. Diante da diversidade não sabia por onde começar<sup>1</sup>! Porém, vendo a pluralidade ali presente, algo se destacava. Assim como em outras praças e espaços públicos (calçadões que cercam as praias e a orla da Lagoa Rodrigo de Freitas) havia atividades ligadas diretamente ao consumo. Como se daria a mistura entre o público e o privado? Como era a relação dos freqüentadores da praça com as atividades pagas? Parecia-me que o que via era a privatização de um espaço público, e perguntava-me se não seria exatamente o comércio, os brinquedos pagos e o aluguel de animais os atrativos para muitos freqüentadores daquele lugar. Essa teria de ser uma questão para ser pensada em outro momento. Por hora, queria delimitar os rumos da pesquisa. Em uma rápida conversa com um dos camelôs que ali trabalha, fiquei sabendo que o comércio, dentro da praça, só era autorizado pela prefeitura nos finais de semana e feriados, e que a procura pela praça nos dias de semana era menor. Diante da dificuldade em estabelecer um caminho para observação, tracei como meu primeiro objetivo conhecer e descrever o seu espaço físico. A fala do

---

<sup>1</sup> Ver página cadernos de campo

vendedor tornou-se um indicativo de que talvez ir à praça em um dia da semana me ajudasse a elaborar melhor estratégia para a observação, além de possibilitar com mais tranquilidade, o trabalho de descrição do espaço.<sup>2</sup>

Foi exatamente o que aconteceu, como descrito:

“Hoje é dia 02/05 – sexta-feira, após o feriado do Dia do Trabalho. São 10:50h. A praça está muito tranqüila, não parece a mesma de ontem, não há brinquedos pagos e nem camelôs. No momento nenhuma criança brinca. O movimento se restringe aos funcionários da prefeitura que fazem a limpeza. Há algumas pessoas fazendo exercícios ao redor da praça e uns senhores jogando carteadado em três mesas. Em uma das mesas reconheço alguns moradores do meu prédio e, entre eles, o síndico. Hoje posso ver melhor o espaço físico da praça e aproveito para descrevê-lo.” (Caderno de campo 2/05/03)

A princípio fui à praça em um dia da semana somente para observar seu espaço físico, mas ao chegar lá encontrei uma dinâmica muito interessante e completamente diferente daquela que vinha observando nos finais de semana. Em um feriado prolongado foi realizada a seguinte observação:

“Sexta-feira a praça está bem vazia. Do lado de fora do cercado algumas crianças brincam, andam de bicicleta”.  
 Na mesa de jogos estão os idosos. Pelo que venho observando, eles são a maioria dos ocupantes da praça durante a semana.  
 No cercado algumas crianças brincam. Parecem mais simples em suas vestimentas do que crianças que freqüentam a praça nos finais de semana. Elas circulam com maior liberdade pelo espaço da praça do que as crianças que vêm à praça nos finais de semana. Vejo como os brinquedos do cercado estão em bom estado de conservação. São pintados e coloridos.  
 Ontem foi feriado (quando o comércio está liberado) e o cheiro da praça denuncia a andança dos bodes e cavalos por aqui. Parece que nos dias após a atuação da associação<sup>3</sup>, a praça vive uma espécie de ressaca.  
 Algumas pessoas fazem caminhadas e o grupo de homens que joga nas mesinhas hoje está muito animado. O que será que jogam?  
 Uns jovens conversam em uma mesa, longe de mim.  
 Três crianças brincam juntas com um disco plástico que é jogado de uma para outra. (Caderno de campo 20/06/03)

Na tentativa de conhecer melhor a sua rotina e tomada pelas muitas faces que a praça ia me mostrando, passei a dividir minha observação entre os dias do meio e os finais de semana.

<sup>2</sup> A descrição do espaço físico da praça está no capítulo anterior

<sup>3</sup> As atividades e o papel da associação serão descritos no item 3.2

Quanto mais me envolvia com a pesquisa, mais a praça se mostrava como um espaço único e fascinante. Durante os dias da semana exibia orgulhosa sua rotina: os praticantes de esportes pela manhã e ao final da tarde, as aulas de ginástica oferecidas pela Prefeitura em dias alternados, os idosos nas mesas de jogos, as crianças no cercado ou em outros espaços, andando de bicicleta, brincando na areia. Tudo isso, quase que num passe de mágica, se transformava ao chegar o sábado, o domingo e os feriados. Nesses dias a praça passava a dividir seu espaço com: charretes, bodinhos, pôneis, carrinhos elétricos, cama elástica, bamp jump, camelôs, pipoqueiro e muitas crianças e adultos.

Como pesquisar as interações entre as crianças diante de duas realidades que se mostravam cada vez mais distintas? Aliada a isso estava uma outra questão: as pessoas que procuravam a praça também não pareciam ser as mesmas nos dias da semana e nos finais de semana. Seguindo o cronograma previsto para a pesquisa de campo, fui à praça em diversos dias, nos mesmos horários. Buscava encontrar um grupo de freqüentadores assíduos para serem os sujeitos da pesquisa. Com o correr da observação percebi que a população de crianças era flutuante, embora pudesse ser considerada, pela forma como se relacionavam com a praça, como dois grupos: o do dia da semana e o do final de semana e feriado. Agora, me via com duas realidades e com públicos distintos. Como resolver essa equação? Como encaminhar a pesquisa? Ao mesmo tempo em que vivia os primeiros dilemas sobre o campo, já que acabara de perceber que não havia um grupo definido para ser meu sujeito de pesquisa, além de estar cada vez mais confusa sobre a dinâmica do espaço, me animava a encontrar soluções, já que, entender as redes de relações que envolviam adultos e crianças naquele espaço era o meu principal objetivo.

Dirigir a observação, tendo como foco de análise o espaço físico da praça, poderia ser uma das possíveis saídas para resolver esse impasse. Seguindo nesse caminho, concentraria meu olhar nas interações entre as crianças e os adultos no cercado<sup>4</sup> - por ser esse o espaço mais procurado da praça pelas crianças, tanto nos dias da semana como no final de semana - e nos outros locais freqüentados pelas crianças. No entanto, um desses lugares ocupados pelas crianças era um pátio de areia onde nos finais de semana, ficavam os brinquedos pagos. Diante disso, voltei

---

<sup>4</sup> O espaço do cercado está descrito no decorrer do texto.

a me questionar. Pensei, então, em fazer um recorte, optando por realizar a pesquisa somente nos dias da semana ou nos finais de semana. Fazer esta escolha representava abrir mão da parte da pesquisa que me envolvia cada vez mais: a praça como um organismo, como uma rede de significados. Então, tomada pelas leituras da antropologia, resolvi encarar o campo como um todo e buscar, nos sentidos empregados por seus sujeitos, a lógica de ocupação da Praça Xavier de Brito. Encontrar caminhos para uma análise onde a singularidade do campo fosse percebida, tornou-se minha meta.

Ao recorrer à literatura, vi como autores que pesquisaram o espaço poderiam me ajudar a resolver essa situação. Certeau (1994) dedicou-se a pesquisar as práticas do espaço, as maneiras de frequentar um lugar, os processos complexos da arte culinária e os mil modos de instaurar uma confiabilidade nas situações sofridas (p.50). O autor buscava compreender a lógica dessas práticas e acreditava que existia uma maneira de pensar, investida numa maneira de agir.

*Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. (...) Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram (...) Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. (Certeau, 1994, p: 201-202)*

A distinção entre local e espaço feita por Certeau apontou um caminho para a questão que envolvia a análise do campo. Seguindo seu pensamento, o lugar está ligado à existência e coexistência física, é material e pode ser quantificado; já o espaço é determinado pela existência de elementos em relação, está ligado ao movimento, a atuação e aos sentidos que nele são instituídos.

Assim, pode-se considerar que a praça é um lugar, já que nela há uma ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. E, também, é um espaço, onde ações e práticas são realizadas. Observar o espaço físico da praça dissociado das diferentes formas de ocupação ali realizadas, me ajuda a ver a questão que envolve a Praça Xavier de Brito com mais clareza. As

observações me levam a acreditar que a praça, da forma como é vivida hoje por seus ocupantes, é um lugar onde residem dois espaços com dinâmicas próprias.

A distinção entre o que é a praça, seus aspectos físicos, e o que ela se torna mediante a ação dos sujeitos, pode ser fundamental na análise do campo. Mayumi Lima considera que o “*espaço material é, pois, um pano de fundo, a moldura, sobre a qual as sensações se revelam...*” (Lima, 1989 p. 13). A medida que se estabelecem relações nesse espaço, ele se qualifica, deixando de ser apenas um material construído ou organizado, para se embeber da atmosfera que as relações ajudam a estabelecer. Para a autora *é através dessa qualificação que o espaço físico adquire nova condição: a de ambiente* (p:13). Lima contribui para a análise que venho desenvolvendo, pois a autora considera que *um mesmo espaço pode resultar em ambientes diferentes, assim como ambientes similares não significam espaços iguais*” (idem p. 14). Nesse sentido, o que encontramos na praça são dois espaços-ambientes, regulados e significados pela ação de seus freqüentadores. Esses ambientes não coabitam; são acionados em dias diferentes e, cada um deles, é composto por pequenos outros espaços-ambientes.

A forma como a escrita do caderno de campo foi se delineando também aponta para esse sentido. Ao reler minhas anotações, via que a escrita retratava duas dinâmicas em um mesmo espaço: a dinâmica da praça nos dias da semana e a dinâmica da praça nos finais de semana. Não era possível fazer qualquer consideração sem levar em conta a distinção que a praça possuía. Ao atentar para estes aspectos, passei a orientar minhas observações e análises, acreditando que no campo o que existe não é uma praça e sim duas, ou dois espaços-ambientes, com dinâmicas e características bem distintas.

O primeiro espaço é o de encontro entre os moradores da região. Nele, crianças e adultos de variadas idades desfrutam o lazer. Essa praça representa um dos poucos locais do bairro onde ainda é possível estar em um espaço público com segurança. É uma praça da comunidade. Sua organização e infra-estrutura fazem com que vejamos que o lazer e a cidade são direitos de todos. Lá, a relação entre as pessoas se dá de forma cordial e, muitas vezes, pessoal. Os policiais e trabalhadores da Prefeitura são atenciosos e delicados no trato com o outro, e as crianças mantêm uma relação de proximidade com esses profissionais.

“Sexta-feira, 02 de maio. A praça está tranqüila, duas crianças chegam na praça nesse momento. Uma com uma senhora e outra com a mãe. Uma das crianças se envolve em correr atrás dos pombos e busca interação com a outra. São uma menina e um menino. Faço hipóteses sobre as idades, mas não quero interromper a brincadeira e não pergunto.

Chega mais uma menina, está com a mãe.

O menino sozinho que me parece buscar interação pede à menina, seguindo a orientação da mãe que lhe empreste o brinquedo, a avó, olhando para ela, responde que sim e continua com a neta no escorrega.

Por um momento me sinto constrangida em observar estas pessoas sem seus consentimentos.

O homem que limpa essa parte da praça conversa com todas as crianças, brinca, ri, pergunta por seus nomes mostra-se simpático com elas.

A menina desce do escorrega e brinca com o menino. Os adultos inicialmente são os mediadores e eu acabo pedindo licença a eles para observar os dois. Imediatamente dizem que posso olhar. Agora me sinto mais a vontade. Descubro que a menina chama-se Dandara, é linda, morena clara, com o cabelo cheio de trancinhas. Sua acompanhante chama-se Maria, é sua babá. As crianças brincam com areia e cada coisa que a menina faz, mostra à Maria que vibra. O menino se envolve ao ouvir a pergunta: Quem vai fazer o peixinho? Estimulados os dois partem para a areia e tentam fazer o peixinho usando as formas de plástico.”  
(Diário de campo 02/05/03)



Foto 1 - servente

O outro espaço-ambiente é a praça do evento, a praça-programa. Possui uma dinâmica completamente diferente da anterior. Suas principais características são a presença dos brinquedos pagos e um número intenso de usuários. Nos dias em que se torna a Praça dos Cavalinhos, esse ambiente muda sua geografia e, com

o reordenamento do seu espaço, percebemos de modo mais claro a distinção entre as duas praças. A Praça deixa de ser território de uso e pertencimento do bairro, já que não são mais apenas os moradores das redondezas que o ocupam, pelo contrário, nessas ocasiões os moradores transformam-se em expectadores e cedem seu lugar aos muitos visitantes que a procuram (Sarlo, 1997). Segundo Liziana<sup>5</sup> “essa praça é internacional, já veio gente aqui de tudo que é lugar”. A procura pela praça é tão grande que, segundo ela, “cerca de duas mil crianças circulam na Xavier de Brito por final de semana”<sup>6</sup>. E ainda acrescenta que “em praça nenhuma se tem tantas pessoas como na Xavier de Brito”. De acordo com ela “o pessoal não é Tijucano, é Leblon, São Conrado, Lagoa, é a zona sul que vem para cá, por isso que a gente espera o túnel, que a Uruguai faça o túnel para lá, para ficar mais fácil o acesso”<sup>7</sup>, e continua: “nosso povo aqui mesmo é zona sul, por isso que hoje está vazio, porque o tempo para lá dever estar feio e aí o pessoal não vem, se amanhã estiver sol, você não consegue nem falar com ninguém”. Sua fala aponta para dois sentidos, o primeiro demonstra o quanto esse local é cosmopolita e o segundo, ao dizer que os frequentadores são da zona sul, se refere a um público que aparenta maior poder aquisitivo do que o público local. O significado presente nessa fala é o que pretende explicitar o maior valor da praça.

Embora não façam a distinção entre a praça do bairro e a dos eventos, as crianças também percebem a diferença entre os dois espaços-ambientes. Tiago (8 anos) dá o seguinte depoimento “no final de semana tem gente vendendo brinquedos, pipoca, algodão doce e tem muito mais pessoas brincando.” Sua fala diz respeito à rotina da praça nos finais de semana. Ele diz: “eu gosto mais da praça nos dias da semana porque é mais vazio e a gente não tem que ficar esperando para brincar”. Outras crianças também comentaram em suas entrevistas sobre a espera para utilizar os brinquedos nos finais de semana. Até ouvir a opinião das crianças, eu não havia percebido este fato. Julgava o espaço do cercado organizado, com brinquedos adequados e em número suficiente, até que, na conversa, Jenifer (9 anos) reivindicou: “eu acho que a Prefeitura devia colocar

---

<sup>5</sup> Liziana é a dona e também responsável pelo serviço de aluguel dos cavalos, burros, pôneis e bodes, sua história se cruza com a história da praça e está apresentada ao longo do texto.

<sup>6</sup> A entrevistada me explica que consegue saber a média de crianças que frequentam a praça porque para cada passeio com os animais é preciso retirar um ticket que fica em seu poder. Um número é entregue ao cliente que o apresenta ao condutor do animal escolhido e um canhoto fica no talão, sendo somado ao final do dia.

<sup>7</sup> A entrevistada está se referindo a um projeto da Prefeitura, datado de 1950, que propõe a abertura de um túnel no final da Rua Uruguai como mais uma ligação entre a zona norte e a zona sul.

mais brinquedos, porque a gente tem que fazer fila para brincar”. Narã (8 anos) também aponta o número reduzido de pessoas como sendo motivo de sua preferência pela praça nos dias da semana: “gosto mais da praça nos dias de semana, porque não tem quase ninguém”.

O pai de Leander me diz que traz o filho aqui porque é perto. Explica que eles moram no Morro da Formiga. Segundo ele, gosta de vir à Praça e trazer seu filho durante a semana porque “é o momento em que a praça está trazendo um pouco de tranquilidade, lazer e estar. No final de semana não está tendo momento de lazer, está ficando mais negócio, pipoqueiro, pula-pula. É a praça negociável, agora está uma tranquilidade, por isso, eu prefiro estes horários.” Ana Flavia (9 anos) vê de modo positivo o movimento da praça nos finais de semana e, segundo ela: “gosto mais de vir no final de semana porque tem mais coisa, mais criança”.

Ao notar a presença de dois espaços-ambientes no campo, passo a orientar a análise considerando esses como espaços distintos e nomeando-os como: Praça Xavier de Brito e Praça dos Cavalinhos. A escolha dos nomes se deu com base no modo como as pessoas se referiam à praça. Para os frequentadores do local, moradores do bairro, ela é chamada tanto de Xavier de Brito como de Praça dos Cavalinhos. Já na dinâmica dos finais de semana, como foi apontado pela administradora dos cavalos e dos outros animais, a praça é frequentada não só pelos tijuicanos, mas também por moradores de diversos bairros do Rio de Janeiro que se referem a ela sempre como Praça dos Cavalinhos. Assim, o próprio campo indica a denominação mais adequada para os dois espaços.

Embora faça esta distinção entre as duas praças, não considero que uma exista em detrimento da outra. Não busco encontrar, nessa pesquisa, um local mais favorável para as crianças ou práticas mais adequadas. O que pretendo com esta análise é perceber relações entre crianças e adultos nos espaços a eles dedicados em nossa cidade. Desde já, posso assegurar que, mesmo com desenhos tão diferentes, nas duas praças o que vi foi a busca por encontros. Encontros entre próximos, como os familiares; encontros com desconhecidos; encontros consigo mesmo, encontros com a cidade, com quem, a cada dia, menos estamos.

## 4.1 A Praça Xavier de Brito

### 4.1.1 – Sua história

Quando da escolha do campo para a pesquisa pensei em fazer um levantamento histórico da praça e apontar as mudanças realizadas em seu espaço ao longo dos anos. Assim, iniciei, como garimpeira, uma busca por sua história nas diversas bibliotecas e arquivos da cidade e, se não fosse pelos poucos escritos encontrados em uma fina pasta arquivada na Fundação Parques e Jardins, com meia dúzia de informações, a maioria de fontes desconhecidas, poderíamos dizer não haver registro em nenhum lugar. Diante da grandeza de nossa cidade e do reconhecimento público da praça como local de entretenimento e de história, já que ali está o segundo maior chafariz da cidade<sup>8</sup>, fica a pergunta: que memória estamos construindo de nosso tempo? E de nossos espaços?



Foto 2 - Chafariz

---

<sup>8</sup> De acordo com os registros da Fundação Parques e Jardins; o chafariz, o segundo maior do Rio de Janeiro, trabalhado em ferro fundido, de origem francesa, foi instalado em 1965 na praça.

De acordo com os documentos pesquisados, a Praça Xavier de Brito foi fundada em 03/11/1930 através do Decreto 3.369, de mesma data<sup>9</sup>. Anteriormente era chamada de Praça Washington Luiz, mas, durante a gestão do Prefeito Prado Júnior, com a obra de urbanização realizada entre 14/11/29 e 10/05/30, e o reconhecimento como logradouro público, passou a ser chamada Praça Xavier de Brito em homenagem ao General João Maia Xavier de Brito Júnior, comandante da Escola Militar em Realengo.

Muitos entrevistados me contaram sobre as mudanças realizadas na praça, suas reformas e consertos ao longo dos anos. Entretanto, nos registros constam apenas alguns recortes de jornais, uns sem fonte ou data. Um deles, datado de 24 de março de 1967, é um recorte do jornal Correio da Manhã, trazendo uma pequena nota onde afirma que a praça *pouco a pouco foi se esboroando e hoje ela é toda desolação e abandono (...) as crianças já não contam mais com os brinquedos. Os balanços desapareceram. Há um ou dois em estado lamentável e sem segurança*. Não é possível saber o que aconteceu nos anos seguintes, com precisão. Constam nos registros, datas que se confundem. Um outro registro afirma que, em 1972, a praça foi remodelada sob o traço da Fundação Parques e Jardins. Em 1996, a Proced Consultoria para Decisão Sociedade Civil Ltda, fez uma pesquisa entre os moradores e os usuários da praça e membros da Associação Recreativa e Cultural da Praça, buscando uma avaliação preliminar das expectativas mais comuns em relação à área. No documento não consta se a pesquisa foi uma encomenda. Pelo que tudo indica, foi encaminhada à Fundação Parques e Jardins, já que o papel que consta nos arquivos, parece ser o original. Além disso, naquele período, a Praça já estava sob a responsabilidade desse órgão. Segundo este documento, os entrevistados pedem banheiros, quadra polivalente para esportes, reclamam do mau cheiro causado pelos animais e alguns até sugerem a retirada deles do espaço. Ao todo foram realizadas 21 entrevistas. Concluí apontando que “os entrevistados foram unânimes em manifestar a importância da área na região, como lazer, sobretudo para as crianças e os idosos”. O documento é assinado por Neyde Luzia Cosati de Carvalho, coordenadora do projeto. Um outro documento, com acertos financeiros que mais

---

<sup>9</sup> A cópia do decreto encontra-se em anexo

parece cópia de uma prestação de contas, descreve os gastos realizados em 1996 para restauração do chafariz e criação de uma calçada ao seu redor.

Em meio aos papéis referentes à Praça, encontrei um interessante registro, nos moldes de uma monografia, elaborado pelo geógrafo Sebastião Francisco da Silva. Este material sistematiza um pouco a história da praça. É uma pena que em seu interior não existam registros como a data de sua elaboração ou o propósito de sua realização. São informações mescladas com fotos da época e depoimentos que, mesmo sem explicar o conteúdo que, por ventura, pudesse dar legitimidade a sua escrita, reconheço a Praça em seu interior e o tomo como o documento que, de todos os arquivados na Fundação Parques e Jardins, melhor pode nos falar sobre sua história.

“Na verdejante planície tijucana, surgiu a Praça Cte. Xavier de Brito, ocupando uma área de 11.075 m<sup>2</sup>. Essa linda praça está construída de uma exuberante cobertura vegetal, tais como: Gramma, Yucca, Palmeiras, Acácia, Flamboyants, Pandanus e outras espécies exóticas.

Com o predomínio das frondosas flamboyants, onde saltitantes pássaros canoros enchem o ar de melodias.

No seu centro, ergue-se um imponente chafariz de estilo francês, cujas cascatas borbulhantes espalham refrescantes gotículas d’ água por todos os lados. Ao amanhecer pessoas de todas as idades praticam Cooper, enquanto que nas mesas de alvenarias senhores, a maioria aposentados, se distraem jogando cartas; no play-ground, crianças brincam com tranquilidade e segurança, pois ao lado foi instalada uma cabine com policiais da PM do 6º Batalhão, que fazem policiamento na praça durante 24 horas.

Nos finais de semana, famílias vão à praça em busca de ar fresco, e a tranquilidade do verde tornando-a alegre e festiva. Ao entardecer a praça vai, pouco a pouco, mudando a sua fisionomia, o verde vai se transformando num cinza escuro anunciando à noite que se aproxima.

Os bancos vão sendo ocupados por casais e grupos de pessoas que vão ali, deliciar a quietude da noite e conversar sobre o assunto do dia-a-dia. Segundo os moradores, Sérgio Guimarães e o Dr. Luiz A. Guillon moradores do local, a praça é tudo para eles.

O Sr. Sérgio é o morador mais antigo do bairro, quando ali chegou há 52 anos passados, haviam apenas cinco casas de tamanho médio e poucas pessoas. Conta esse senhor que naquela época era ainda criança e a praça, que para ele e seus colegas, era muito grande, onde eles passeavam de bicicleta, etc...

Nos meses de junho e julho, a praça muda a sua fisionomia, anunciando os festejos juninos, barraquinhas com comidas típicas, quadrilhas, quentão e música caipira.

Em dezembro temos a FESTI festa religiosa patrocinada pela igreja local, cuja arrecadação se destina às crianças dos morros.

Atualmente, a praça está rodeada de grandes edifícios e uma escola que foi doada ao Estado, pela família Soares Pereira, além de alguns bares encontramos o famoso Restaurante Rei do Bacalhau, onde pessoas de vários lugares vêm deliciar os seus bolinhos de bacalhau.

Assim é a Praça Xavier de Brito.”<sup>10</sup>

<sup>10</sup> In: SILVA, Sebastião Francisco da. Praça Cte. Xavier de Brito. s/d mimeo

#### 4.1. 2 Suas práticas



Foto 3 - Idosos

A descrição de Silva, infelizmente não datada, demonstra a natureza bucólica da Praça. A escrita, quase que uma declaração dos sentimentos do autor, demonstra que para ele este é um espaço especial. Essa sensibilidade, ainda é encontrada em muitos frequentadores da praça, principalmente nos mais idosos, que, mesmo com as mudanças ocorridas e o crescimento do bairro, continuam fazendo do local, um espaço de encontro. Eles são o grupo mais representativo e que apresenta maior intimidade com a praça. Estão lá tanto no período da manhã como à tarde, sendo muitas vezes, a maioria entre os ocupantes. Uma das mães entrevistadas disse que, na última reforma, os idosos foram os maiores privilegiados, pois, segundo ela, para eles foram construídas mais mesas de jogos. Ela considera que a construção das mesas tornou ainda menor o espaço livre para as crianças brincarem.



Foto 4 - Bola

Se considerarmos a forma como é apropriada por esse grupo, a praça Xavier de Brito pode, mesmo sendo um espaço exterior, ser vista como “Casa” (Damatta, 1997). DaMatta trabalha com as categorias Casa e Rua, buscando entender a dinâmica social de modo mais profundo (p.17). Para ele, Casa pode ser definida, tanto como um espaço íntimo e privado de uma pessoa, quanto como um espaço máximo e absolutamente público. O que caracteriza esse lugar são as atitudes que lhe são impressas por seus ocupantes. A escolha dessas duas categorias, Casa e Rua “*não designam, simplesmente, espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de possibilidades, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas*”. É isso que chama atenção na Praça Xavier de Brito. Seus ocupantes vivem esse lugar com atitudes de Casa.

A Praça como casa também me parece ser a percepção de Sebastião Francisco as Silva sobre esse espaço. A descrição feita por Silva soma-se, nesse sentido, ao sentimento preservado até hoje entre a maioria dos frequentadores da praça. Silva, na sua descrição, apontava que a praça era “tudo” para os senhores Sérgio Guimarães e Dr. Luiz Guillon. Hoje, ao entrevistar crianças e adultos e

observar a empolgação dos homens nas mesas de jogos, também percebo que a praça continua sendo “tudo”.

O que tenho observado sobre a Praça me surpreende de uma maneira positiva e traz algumas questões: como se dá essa relação em outras praças? Como tem sido nossa atuação frente aos espaços públicos, de um modo geral? Muitas vezes o que percebemos é que eles são espaços de todos e, conseqüentemente, de responsabilidade de ninguém. Será que temos, na maioria das vezes, nos relacionado com a cidade como Casa? Ou temos vivido como Rua, como local de individualização, de luta, malandragem, zona onde cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos? (idem, p: 55). Se DaMatta considera que a casa é o “espaço da calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa idéia de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘calor humano’”, afirma que Rua “é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao ‘governo’ ou ao ‘povo’ e que está sempre repleta de fluidez e movimento.” (ibdem, p: 57). E com relação a essa Praça, como são as práticas quando ela se torna a Praça dos Cavalinhos?

Como local de encontro, a praça possui muitas possibilidades. Com relação às crianças, não é diferente. A praça Xavier de Brito é um local de interação entre as crianças e delas com o espaço.

“Crianças brincam juntas de jogar um disco plástico umas para as outras. Me aproximo, pelo tom parece que brincam juntas pela primeira vez. Ouças fazendo acordos: “sua vez”, “agora sou eu”, as duas crianças estão acompanhadas, os adultos observam, separados e de longe, o jogo. Me aproximo de uma das acompanhantes, é a mãe de um dos meninos. Ela me conta que atualmente frequenta mais a praça nos finais de semana, porque durante a semana o menino tem aula. Pergunto o que mais ele faz na praça ela responde “andar de bicicleta, bater uma bolinha em um lugar mais restrito” – referindo-se que jogar bola na praça é proibido. Pergunto se ele brinca nos brinquedos do cercado quando eles vêm à praça nos finais de semana, ela responde que não “lá fica impossível”, continua, referindo-se a recente reforma sofrida pela praça “depois que eles colocaram mais banquinhos, as crianças perderam o espaço para brincar” - (Caderno de campo 20/06/03)

As crianças ocupam vários espaços da praça, jogam bola, correm, andam de bicicleta, velotrol, mas a maior procura é pelos brinquedos que estão no cercado.

“Hoje após vários dias de tempo chuvoso, está um dia lindo. Chego à praça às 16:45 h. Idosos, os maiores usuários da praça, estudantes e crianças estão aqui. No cercado algumas crianças brincam. Um grupinho de crianças pequenas brinca com areia e do outro lado dois meninos maiores jogam bola e duas meninas brincam no balanço. Duas delas já conversaram comigo. Pela primeira vez reconheço algumas crianças, que alegria. O pai delas no dia da entrevista estava correndo e hoje está sentado no banco lendo enquanto elas brincam. Os quatro estão sob a sua responsabilidade. Logo chega o vendedor de sorvete, as crianças se aproximam do pai e pedem para ele comprar, ele nega, explicando algo que eu não ouço, a menina, que é mais velha responde “eu sei” e voltam a brincar, agora, brincam de pique. Outras crianças pequenas se juntam às que estavam na areia, há uma pequena interação entre elas, sem a intermediação de adultos. Logo elas se dispersam e vão cada uma para o seu lado. As crianças maiores agora brincam de “Elefante colorido”, que alegria!” (Cadernos de campo 21/08/2003)

Beatriz (cinco anos) me diz que não pode mais vir à praça nos dias da semana porque tem que ir à escola. Segundo sua mãe “ela veio hoje porque faltou à aula”. Pergunto à Beatriz o que mais gosta na praça e ela responde “O brinquedo que eu mais gosto é o trepa-trepa”. Sua mãe me conta que leva a filha também ao shopping, mas logo a menina se mostra categórica: “Eu prefiro a pracinha”.

A avó de Rafaela (três anos) conta: “eu não trago ela aqui sempre porque é muito perigoso. Segundo ela: “de dia é menos, mas a noite...eu quase fui assaltada outro dia e eu estava aqui dentro”. Esse encontro foi muito interessante porque em vários momentos da pesquisa eu cheguei a duvidar da segurança da praça em certos horários, mas em nenhuma outra entrevista essa questão apareceu. De um modo geral, as pessoas afirmaram se sentirem seguras nesse local. Continuando a entrevista percebo que a praça se situa no caminho entre a escola e a casa da avó. A avó continua o seu depoimento: “ela pede para vir quando eu a levo para casa. Isso aqui já melhorou muito, com essa cerca aqui. Nos finais de semana é muito bom, aqui tem vários eventos”. Passei a conversar com Rafaela enquanto a avó embalava o balanço em que ela estava. Sorrindo ela me diz: “eu venho sempre aqui com a minha avó”. Pergunto quando ela vem na pracinha, me diz que “depois da escola” e me conta que, lá, gosta “de brincar de boneca e de massinha”.

A praça também é um local de encontro e lazer para as crianças que estudam na escola que fica em suas imediações. Normalmente, é possível saber seus horários, pois eles estão relacionados ao horário de entrada e saída da escola. Quando estão na praça dão um tom de alegria e pluralidade àquele lugar. Essa pluralidade cresce ainda mais nos finais de tarde. É possível, então, ver uma

variedade de crianças com uniformes de escolas públicas e particulares, crianças pequenas como Rafaela, de três, anos que vem com sua avó ou as maiores, que buscam seus irmãos na escola. A praça é uma festa! As crianças correm por todo o cercado e se revezam para utilizar os brinquedos. Os adultos são observadores das interações e as crianças administram esse espaço.

“Assim que cheguei à praça fiquei muito animada porque de um lado, próximo à gangorra, havia uma senhora com um menino. Os dois estavam muito bem vestidos. O menino se distraía com uns brinquedos trazidos de casa, suas aparências contrastavam com as de duas outras crianças que brincavam do outro lado, próximas ao trepa-trepa. Essas estavam com os pés descalços, roupas simples, sujas. Essa não é uma situação muito comum, na maioria das vezes, as crianças que freqüentam esse lugar usam roupas “da moda” e os sapatos trazem impresso a marca de algum personagem da mídia. O grupo de crianças da escola pública que também faz uso da praça, veste-se com o uniforme, o que causa uma padronização entre eles. Nos finais de tarde sem chuva, a praça é tomada por crianças que só se distinguem por seus uniformes, uns de escola pública e outros de particular.

Observando as crianças vejo que elas se relacionam descontraidamente com a praça. Os meninos do trepa-trepa cantam e falam alto, não parecem preocupados com o que está ao seu redor. Fui conversar com eles: Silvan (oito anos) é morador do morro da Formiga e Tailan (nove anos) é morador de Japeri. Pergunto se eles vêm sempre aqui? Eles me dizem “sempre não. Eu olho dali aí, e venho aqui às vezes”. Tailan conta que estuda à tarde e que “hoje não teve aula porque a professora foi levar o filho dela no médico” por isso está aqui.

Continuando a conversa pergunto do que eles mais gostam na praça: Silvan diz que do “escorrega” e Tailan do “balanço e gangorra”.

Os meninos me contam que estão ali brincando enquanto esperam a irmã sair da escola. Depois da conversa eles se despedem e eu fico observando a praça. Tenho percebido que nesse horário, após 17:00 horas há uma circulação interessante de crianças. As crianças que saem da escola pública, que fica ao lado da praça, vêm para o cercado brincar, outras vêm com as babás e com os pais. Alguns responsáveis estão com roupas de trabalho e algumas crianças com uniformes de escolas particulares e públicas.”  
(Caderno de campo 08/08/2003)

Em alguns momentos percebi que eu também estava fazendo parte daquele cenário e que algumas crianças se mostravam orgulhosas por darem entrevistas. Eu ficava lá, esperando o horário da saída da escola e conversava com todos os que permitiam. Um dia, iniciei uma entrevista com duas meninas. Quando estávamos quase terminando, outra menina, um pouco menor, se aproximou, ficou olhando, me perguntou o que eu fazia ali. Contei-lhe sobre a pesquisa e perguntei se ela queria conversar comigo, seus olhos se mostraram radiantes, logo aceitou. Quando começamos a conversa sua mãe apareceu. A princípio, pelo modo com

que se aproximou, pensei que ela não tinha gostado de ver a filha conversando comigo, uma estranha, e logo tentei explicar o que estávamos fazendo. Disse-lhe que os outros responsáveis pelas crianças estavam lá e haviam autorizado minha conversa com elas. Ela me falou que a filha não poderia ficar porque ela estava com pressa, pois, tinha que passar roupa e, aquele era o primeiro dia da filha nessa pracinha. Perguntei se levava a filha em outro lugar e ouvi a seguinte resposta: “eu não tenho tempo, ela brinca lá em cima mesmo, no Formiga” (se referindo ao local onde moram). Disse que agora iria vir mais aqui porque estava na escola. À medida que a mãe ia falando comigo, tentava levar a menina, que se recusava a ir. Parecia encantada com o lugar. A fala da mãe e a postura da filha me faziam acreditar que esses eram os primeiros contatos da menina com um espaço mais amplo da cidade, fora das imediações do Morro da Formiga, sua moradia. Tentando resolver o impasse que se criou, propus nos encontrarmos em outro dia, ela aceitou. Levantou-se e me deu um beijo e um abraço, com um carinho que me emocionou.

Esse encontro me fez pensar sobre o lugar da criança na nossa sociedade. Sobre quais têm sido os espaços de escuta e diálogo que as envolve. Que peso tem suas falas? Quando escrevo ou gravo o que elas dizem, sinto que as crianças se sentem valorizadas. O beijo e o abraço que recebi foram inesperados e únicos. Nenhuma outra criança teve qualquer tipo de reação dessa natureza. Num tempo de tão pouco contato físico e de uma cultura de desconfiança, como temos vivido, não esperamos um carinho gratuito. O “outro” é, na maioria das vezes, o obstáculo a ser transposto. Penso também na capacidade das crianças de subverterem a ordem das coisas. Na infância da criança que *atrás da cortina torna-se ela mesma algo ondulante e branco, um fantasma* (Benjamin, 1995: 40). As crianças parecem sempre dispostas e nos surpreender com suas atitudes. A atitude de Flávia foi de uma outra natureza; ao me dizer que só poderia conversar comigo caso seu pai a autorizasse, também chamou a minha atenção.

“Assim que cheguei vi duas crianças brincando no trepa-trepa; me aproximei e perguntei se poderia conversar com elas. A menina me olhou e disse que só poderia conversar comigo se seu pai autorizasse; perguntei onde estava o pai, ela disse que ele estava correndo. Quando ele passou por nós, me apresentei, e logo ele autorizou a conversa. As crianças são irmãs. Ana Flavia (nove anos) e Tiago (oito anos), estudantes da escola pública. O pai é porteiro e faz curso supletivo à noite.” (Cadernos de Campo 07/08/2003)

Se por um lado uma criança me surpreendia com o carinho, a outra me apresentava uma condição que, por hora, se mostrava como um distanciamento. Flávia parecia seguir à risca a orientação dada pelos adultos. Não que ela não devesse seguir orientações, se elas realmente foram dadas, ou até mesmo se preservar, caso estivesse com medo. O que marcou a situação foi a mudança no seu semblante. Quando cheguei à praça vi que brincava solta ao lado de seu irmão, juntos riam, exploravam os brinquedos. Resolvi ir ver do que brincavam e os abordei. Quando me dirigi a eles sua expressão mudou, mostrou-se tensa com a situação, ficou séria e distante, assumiu a posição de irmã mais velha, colocando-se entre mim e o irmão, até que chegou o pai. Após a autorização para a conversa, notei que ela relaxou novamente, conversando comigo com descontração.

De volta à breve conversa com a mãe de Lucia Helena, minha amiga carinhosa, me pareceu que aqueles instantes eram os primeiros passos da menina na cidade. Sua curiosidade com relação ao espaço e às pessoas, assim como o uniforme novo e seu depoimento de que nunca havia estado na praça, que aquele era seu primeiro dia na escola me fez acreditar que ela, ao longo da vida tivesse realizado poucos ou, até mesmo, nenhum contato com a cidade para além das fronteiras do Morro da Formiga.

Tavares (2003) envolvida com a problemática do direito à cidade sai em *defesa da escola como espaço fundamental para a aprendizagem do direito à cidade* (p:218). Uma de suas motivações para se dedicar a esse tema eram dificuldades apresentadas pelas crianças em se adaptarem à escola (asfalto) ao saírem das creches comunitárias (favela) (p.29). A autora considera que *boa parte das dificuldades que as metrópoles brasileiras enfrentam para educar – em todos os sentidos – os pequenos cidadãos, vincula-se diretamente às dificuldades políticas da gestão de seu território, isto é, a uma ausência de políticas democráticas de direito à cidade, que possam efetivamente “matricular” o sujeito escolar na metrópole*. Seria esta uma realidade de Lucia Helena? Estaria ela se alfabetizando em cidade? O fato é que todas as perguntas que a cercam ficaram sem respostas. No dia marcado para nosso encontro choveu muito. Pesquisa na cidade tem seus contratemplos! Nunca mais nos encontramos.

## 4.2 A Praça dos Cavalinhos

O meu primeiro contato com Liziana foi como administradora dos animais da praça. Como sua atividade é muito solicitada, achava difícil um encontro com ela, pois estava sempre às voltas com as chegadas e saídas dos cavalos, sempre correndo. Não imaginava que seu envolvimento com a praça vinha de tão longe, e que sua história seria tão importante para a continuidade da pesquisa.

Em um dia meio chuvoso, fui à praça determinada a entrevistar seus comerciantes, queria entender a relação que eles possuíam com aquele espaço e obter alguns dados históricos. Seguindo o conselho de amigos, velhos freqüentadores, fui procurar o Marcha Lenta; segundo as recomendações: “esse é o melhor condutor de charretes da praça”. Em uma primeira tentativa percebi que ele se mostrava disponível a uma conversa, embora tenha deixado claro que enquanto estivéssemos ali, não estaria trabalhando. Sugeri que déssemos uma volta de charrete, assim ele não estaria deixando o seu trabalho e eu conseguiria uma entrevista, desejada há tempo. No momento em que ele aceitou e subi na charrete, me tornei consumidora daquele lugar. Pela primeira vez fazia uso de um de seus atrativos. Pesquisa tem dessas coisas; o interesse por seu depoimento fazia um medo antigo - o de cavalos - ficar para trás. Ao longo do trajeto, entre um galope e outro, sua narrativa foi evocando vinte três anos de história da praça. Ao retornarmos volta, Marcha Lenta me apresentou à Liziana, dizendo que sua vivência também se cruzava com a história da praça.

Através das duas entrevistas descobri que Alberto Monteiro foi um importante nome na construção da Praça dos Cavalinhos. Português de Ramires, Alberto chegou ao Brasil em 1954, então com vinte e nove anos. Inicialmente, montou uma carvoaria no bairro do Andaraí e, em 1954, começou a trabalhar na praça, alugando animais para passeios. Segundo Liziana Monteiro, seu pai “veio de Portugal diretamente para a Xavier de Brito. Começou com os bodinhos e os muares, (que são os burrinhos) diversificando depois. Antigamente, só existiam os bodinhos e os muares”.

Liziana contou que, durante muitos anos, seu pai foi perseguido pelo “rapa” e pela sociedade protetora dos animais, mas, em 1972, ele conseguiu a

legalização de sua atividade, podendo, então, trabalhar com os animais sem preocupações. Em 1997, Alberto Monteiro faleceu e, em 1999, Liziana assumiu o comando do trabalho com os bichos na praça. “É, nós estamos na terceira geração, eu estou pegando a terceira geração. É muito antiga a Xavier de Brito. Meus filhos cresceram aqui. Quando o meu pai faleceu, a gente não teve coragem de acabar.”

Segundo Liziana, o aluguel dos animais para passeio foi a primeira atividade da praça, “depois veio o seu Daflon, colocou uns trenzinhos, mas por ser motorizado não foi permitido; aí vieram os carrinhos, começou a vir as outras coisinhas, o pula-pula, mas os primeiros aqui foram os bodinhos e os burrinhos”.

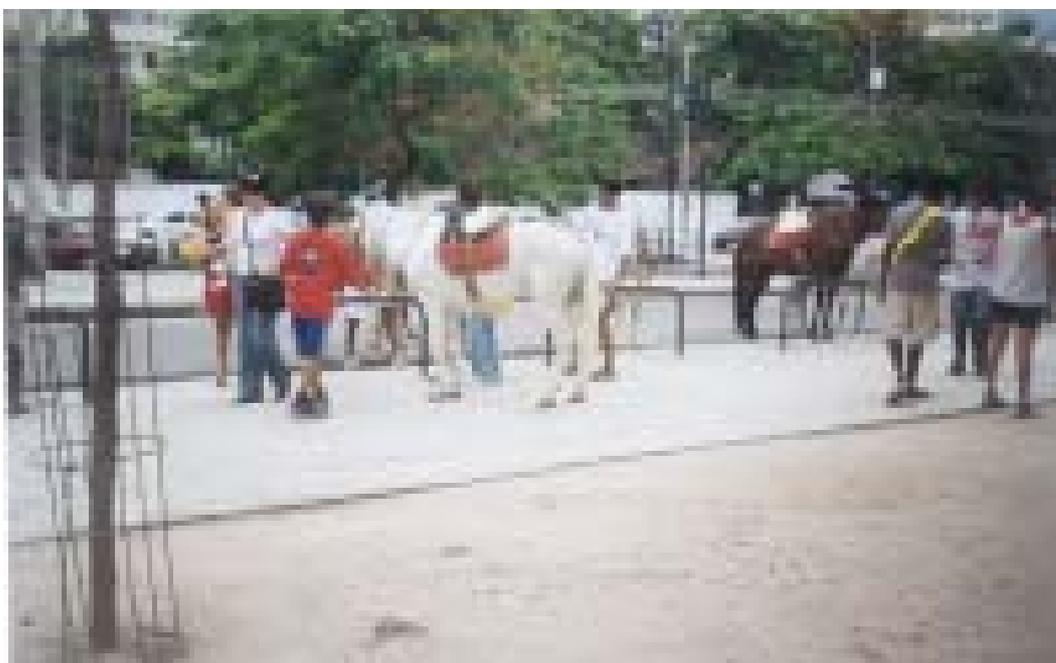


Foto 5 - cavalos

Cláudia, responsável pelo aluguel dos carrinhos elétricos, trabalha há nove anos na praça. Ela presenciou as alterações em seu espaço físico ao longo dos anos. “Em torno do chafariz, não tinha esse canteiro, não tinha essa grade que colocaram; isso deve ter uns quatro ou cinco anos. Houve há pouco tempo uma obra de conservação, colocaram umas mesinhas para as pessoas sentarem, umas mesinhas para jogarem dominó (...) nos brinquedos, fechou o parquinho, mas os brinquedos continuam os mesmos, só pintura e conservação. Eles estão sempre conservando, colocam brinquedos novos, consertam”.

Ronaldo, mais conhecido na Praça dos Cavalinhos como Marcha Lenta é uma das pessoas mais queridas e conhecidas da praça. Ele me conta a sua história:

“bom, o total acho que são vinte e três anos que eu trabalho aqui, desde 1980. Eu vim para cá porque o meu tio tinha cavalo, aí ele conhecia o senhor que trabalhava aqui, faleceu, né? Ele era pai dessa moça aí, dona dos cavalos, aí eu conheci ele e ele me chamou para trabalhar com ele aqui e eu estou até hoje, trabalhando até hoje com eles”.

Pergunto o porquê do apelido, ele me explica: “é porque aqui o pessoal prefere andar mais devagar por causa do trânsito, dar uma volta mais demorada e aí me colocaram esse apelido. O pessoal (referindo-se aos outros charreteiros) anda sempre correndo, vai mais na aventura e eu não, eu não, sou mais devagar com o pessoal”. Marcha Lenta explica que a praça mudou. Segundo ele, “antigamente não tinha fiscalização sobre os cavalos, não tinha veterinário, agora tem veterinário da Prefeitura fiscalizando, eles vêm aqui ver se os cavalos estão em bom estado, os cavalos que não estão em bom estado, eles reprovam”.

Liziana explica os aspectos burocráticos que envolvem sua atividade. “Eu e a Cláudia (responsável pelos carrinhos) somos separadas da associação, nós somos firma, a documentação é diferente, tem a ver com as leis municipais, estaduais e federais. Com os cavalos, nós pegamos essas três partes. Eu tenho onze pessoas que trabalham para mim”. Marcha Lenta, uma dessas onze pessoas, dá o seu depoimento “eu trabalho para a dona do cavalo, eu trabalho aqui como comissão, antigamente era na diária, agora é na comissão, se eu rodei eu ganho dinheiro, se eu não rodei eu não ganho”.



Foto 6 - cavalos

Além dos cavalos, charretes, burrinhos, bodinhos e carrinhos elétricos, na Praça dos Cavalinhos ainda há um pula-pula, duas camas elásticas, um bump jump , um pipoqueiro, uma carrocinha de sorvete, cinco barracas de camelôs e um retratista. Nos últimos tempos os comerciantes que exploram a Praça se organizaram em uma associação: a Associação dos Prestadores de Serviço da Praça Xavier de Brito, presidida hoje por Edna Anacleto. Percebo que todos os que trabalham na praça utilizam um colete de identificação e possuem uma carteirinha da associação. Segundo Edna, “esta associação está com o seu registro em andamento na sub-prefeitura da Tijuca. São, ao todo, vinte e cinco vendedores que exploram a praça”. Suas atividades podem acontecer na praça aos sábados, domingos e feriados das 8:00 às 18:00 horas. De acordo com a sua presidente, “a associação mantém dois funcionários que fazem a limpeza da praça”. Edna reclama que, muitas vezes, não a recebem em condições e têm que fazer a limpeza antes do trabalho iniciar. Marcha Lenta considera que a contratação desses dois funcionários foi o que de melhor aconteceu quando da organização deles em associação. Para ele, com a associação ficou melhor “porque colocou o pessoal para fazer faxina, antigamente os cavalos faziam suas necessidades e a Prefeitura é que vinha com os garis para limpar, agora tem faxineiro fixo para limpar. Quando o cavalo faz sujeira, a pessoa vem e limpa. Melhorou nesse aspecto”.

Para Liziana a associação “foi criada no ano passado (2002) para conter os camelôs, para manter só o pessoal antigo, que já estava aqui. Tem pessoas aqui que tem bastante anos”.



Foto 7 - barracas

O reconhecimento da praça como um lugar de destaque na cidade esteve presente na fala dos entrevistados. Segundo Marcha Lenta, seus clientes “vêm de várias partes. Tem de Botafogo, Lagoa, tem pessoas deficientes físicas que me procuram para andar comigo, tem duas que me procuram. Eu vou conversando, vou cantando.”

Para Cláudia “não temos só crianças da Tijuca, temos crianças aqui da Barra, Zona Sul, enfim recebemos de muitos lugares, Leblon, São Conrado”. Pergunto, então, se a praça não é só de quem mora por perto e ela me responde: “Não, eu vou te dizer que essa praça é conhecida até mundialmente, justamente por causa dos cavalinhos, as crianças vêm muito no intuito dos cavalinhos, se tornou até um ponto turístico por causa disso”.

Liziana orgulhosa afirma que “essa praça vai de geração a geração, eu tenho dezoito freguesas que estão grávidas, vai ter Cavalinho até pelo menos mais cinco anos, (risos). Nessas férias nós recebemos pessoas da Suécia e de Miami”.

Ao ser perguntado sobre o seu trabalho, Marcha Lenta dá o seguinte depoimento: “para mim, quando eu estou levando as crianças é o meu lazer, porque eu trabalho direto e aqui é o meu lazer. Eu trabalho de segunda a sexta no serviço e venho para cá no sábado e no domingo.”

A grande maioria das crianças que freqüenta a praça nos finais de semana demonstra, em sua aparência, os cuidados que lhes são destinados. Vêm arrumadas como para um programa. Essa é a Praça dos Cavalinhos! Um programa para crianças de vários locais do Rio de Janeiro. Todos com cabelos penteados e bem vestidos: prendedores coloridos, enfeitando os cabelos das meninas, alguns meninos usam boné, calçando sandálias ou tênis com a marca de personagens conhecidos dos desenhos animados. Os pais com celulares nas cinturas. Ouvi algumas ligações em que falavam que estavam na praça e marcavam almoços, alguns em restaurantes da zona sul. Raramente vi este visual ser quebrado por uma ou outra criança vestida de uma maneira mais simples e, nas poucas vezes em que isso aconteceu, todos foram bem tratados. O clima entre os adultos é cordial, não vi nos momentos em que estive lá, qualquer atitude discriminatória.

Ao descrever a dinâmica da praça, a mãe de Marcus (quatro anos) explica: “essa praça, no final de semana, é bem mais cheia”. Comenta que chama sua atenção o número de pais que acompanham seus filhos no final de semana. Diz que percebe esse espaço como um local democrático, de acesso a todos. No

entanto, essa não é a minha percepção. Durante toda a pesquisa de campo só em um dia a praça parecia ser realmente de todos. “Hoje é um dia um pouco diferente na praça: em uma das mãos dos adultos está a criança, e na outra, o cartão de vacinação. Pelo que tudo indica é grande o número de crianças que foi tomar vacina, atendendo à campanha nacional, e depois veio para a praça. São 11:00 horas. Não sei se por conta da campanha de vacinação, mas a praça hoje parece mais plural, diversificada”. Esse dia foi peculiar porque pode ser percebida a presença das classes populares na praça dos Cavalinhos.

Nessa dinâmica, três situações específicas puderam ser observadas e são apresentadas a seguir.

#### 4.2.1

##### “O meu pai me leva na escola e a minha avó me leva na pracinha”



Foto 8 - cercado

“Domingo, 14 de junho de 2003, o sol já está ficando mais ameno, e o inverno se aproxima. A partir de hoje, observarei o cercado nos finais de semana. Ele é uma área delimitada por uma cerca de ferro verde, de cerca de 1,80m de altura, onde se encontram os brinquedos não pagos: três balanços com três bancos cada um com alturas diferentes, um trepa-trepa, duas escadas para se pendurar, dois escorregas de tamanhos diferentes, seis gangorras, um trocador para bebês – fraldário. De todos os espaços da praça este é o mais procurado pelas crianças” (Caderno de Campo/ 2003).

Após um olhar panorâmico da praça, passei a me dedicar, mais atentamente, a esse espaço, pois, mesmo com tantas possibilidades de entretenimento fora do cercado, esse é local mais procurado pelas crianças e por suas famílias. Em seu interior, crianças brincam com ou sob os olhares dos adultos. Os brinquedos são de ferro e madeira, e existem bancos que se encontram sempre cheios. Alguns brinquedos trazem marcas, nomes feitos com liquid paper e estilete. Mesmo sendo um espaço amplo, com somente uma saída pequena, raramente as crianças ficam sozinhas. Este fato logo chamou a minha atenção. Não que eu esperasse que os adultos as deixassem lá, mas sentia falta de encontro entre as crianças. Dentro do cercado ficavam tantos adultos circulando que, às vezes, era difícil ver as crianças. Os adultos passavam todo o tempo atrás de seus filhos, empurrando-os no balanço, ajudando-os no trepa-trepa ou no escorrega. Algumas interações entre as crianças são propostas pelos pais, principalmente como cortesia aos pequenos que se aproximam. Eles incentivam seus filhos a emprestarem os brinquedos, mas no geral, cada criança interage com os adultos que a acompanham e com os brinquedos da praça.



Foto 9 - gangorra

Essa atitude dos adultos me intrigava, acreditava que eles levavam as crianças à praça para encontrarem com outras crianças, mas seus atos me faziam

acreditar que não. A princípio pensava que eles atrapalhavam as crianças em suas explorações, tinha uma hipótese de que esta poderia ser uma das principais razões porque as crianças interagem tão pouco entre elas. Porém, com o tempo, seguindo os olhares e as atitudes dos adultos e a partir do relato de uma menina, passei a ver esta situação de outra maneira. Mariana (nove anos) passa a semana na casa da avó, segundo ela, porque “na minha casa não tem empregada e meus pais trabalham fora e meu irmão de doze anos não pode tomar conta de mim, a gente briga muito, por isso, eu fico na casa da minha avó que é no mesmo prédio que a casa da Érica”.

Fiquei pensando em como têm sido cada vez menores os encontro entre pais e filhos, já que o número de horas que passam fora de casa é cada vez maior, alguns até sem se verem durante a semana, como nos aponta em seu depoimento Mariana. Compreendo, então, que estão na praça e a forma como se relacionam pode ser indicativo de uma busca. Parece-me que os pais aproveitam essa ocasião para estarem com seus filhos e, nesse sentido, a praça é somente o pano de fundo para a relação entre eles. Diante desta hipótese passei a mudar o meu olhar e, ao invés de procurar os possíveis encontros entre as crianças, comecei a observar a relação entre elas e os adultos.

Esta etapa foi muito importante na construção do meu caminho como pesquisadora. Sem dúvida, muito do meu olhar estava impregnado pela idéia que fazia sobre o campo. Volto às primeiras linhas deste capítulo e percebo, que a minha entrada no campo foi influenciada por relatos e pela minha experiência pessoal. Agora via que uma das minhas hipóteses estava indo por terra. Acreditava que encontraria crianças brincando juntas enquanto os pais observavam suas interações de longe, sentados nos bancos. Foi preciso trocar de lentes para me deixar levar pela dinâmica da Praça dos Cavalinhos. A partir de então, passei a fazer dessa nova questão um desafio. A praça me mostrava que, mesmo em novos moldes, com atividades relacionadas ao consumo, ela ainda é espaço de encontro, agora não mais, ou melhor, não só entre as crianças. Com as novas lentes, via uma interação que envolveria as famílias, pois os chamados de “mãe”, “pai”, “vó”, “vô”, revelavam que a maioria as crianças vão à Praça dos Cavalinhos vão acompanhadas por seus familiares.

Aparentemente, o número de adultos homens é o mesmo que o de mulheres. Na sua maioria, brincam, desafiam e encorajam as crianças,

incentivando suas conquistas. São olhares de cumplicidade e muita paixão. O pai espera o filho na descida do escorrega, a mãe auxilia na subida da escada, as crianças são embaladas no balanço com sorrisos, conversas e incentivos para que elas aprendam a controlarem o balanço sozinhas. Os adultos fazem caras e bocas para as crianças, saem daquele lugar de sérios, falam como bebês, riem, correm com as crianças. Em sua maioria, o tempo da pracinha, tem se mostrado como um tempo de dedicação, interação e encontro entre pais e filhos.

#### **4.2.2**

#### **“Ele só me deixa brincar no pula-pula porque os outros brinquedos são caros”**

Os cavalos e os brinquedos - ou as atividades pagas - são a grande marca da Praça dos Cavalinhos.

De acordo com as entrevistas com os comerciantes, ficou claro que, para eles, as pessoas vêm à praça em busca dos cavalos. Esses são os principais atrativos; os outros brinquedos e os camelôs pegam uma carona, colocando aí, outras possibilidades de entretenimento pago. Com sua origem no aluguel dos cavalos, o comércio tem, hoje, tal importância para a praça e para os comerciantes que foi criada uma associação para regulamentar e organizar as atividades que ali ocorrem.

A presença de um comércio organizado da forma como acontece foi um dos determinantes para a escolha desse local como campo de pesquisa. Meu interesse, como já foi apresentado, estava centrado nos espaços públicos destinados às crianças em nossa cidade. A Praça, me pareceu logo um lugar favorável à investigação. Embora localizada no perímetro urbano, preserva-se como um espaço aberto, sem muros ou grades que restrinjam sua ocupação, sendo, considerada pela maioria de seus usuários, como um local seguro. Seu espaço é completamente otimizado e utilizado por seus frequentadores. Há um investimento na manutenção de sua estrutura por parte da Prefeitura e da associação de moradores. Esses aspectos apontam para um sentido de espaço público que é cada vez menos encontrado nos grandes centros. Com o crescimento das cidades e a falta de planejamento urbano, o lazer foi ficando fora das agendas

políticas e se tornando um setor ocupado pela esfera privada. Encontrar um local público seguro, limpo e estruturado, destinado ao lazer, está cada vez mais difícil. No caso da Praça, o que vemos é bem interessante, pois, se por um lado pode ser considerada como um dos poucos locais destinados ao lazer público, na prática, tem sua estrutura utilizada em benefícios de particulares, que a exploram com fins lucrativos. Assim, ao iniciar a pesquisa, me perguntava sobre o papel que as atividades pagas tinham naquele espaço. Uma de minhas primeiras constatações, foi a de que a presença das atividades pagas era determinante na rotina e seletora, de uma maneira indireta, do público desse local.

Quando percebi as alterações que o comércio causava em seu panorama, a questão público x privado tornou-se ainda maior, dentro do contexto da pesquisa. Carrano (2002) ao investigar processos educativos que se dão no curso do desenvolvimento de práticas de lazer de jovens na cidade, encontrou não só uma polaridade entre espaços públicos e privados como também *verdadeiras zonas de sombra e indefinição nos espaços praticados na cidade. Espaços que poderiam ser apontados como essencialmente públicos revelam fortes tendências à privatização; outros, geneticamente construídos por relações de mercado, se apresentam, em determinadas circunstâncias, como socialmente públicos* (p.43). Ao realizar sua pesquisa na cidade de Angra dos Reis, município da Costa Verde, ao sul do Estado do Rio de Janeiro o autor considera que *o público ou privado não se definem apenas como espaço, uma vez que são resultantes de relacionamentos entre forças sociais ativas* (p.44). Carrano observa que a consciência desta complexa reorganização social entre o público e o privado cria novas dificuldades para a investigação social (p. 44).

As considerações levantadas por Carrano também podem ser aplicadas quando pensamos na dinâmica da Praça onde a presença do comércio e, principalmente, das brincadeiras pagas promovem a privatização desse espaço: para se ter acesso a tudo o que ele disponibiliza é preciso pagar. Outro aspecto que chama a atenção, é a existência de uma associação organizada pelos comerciantes, conforme me foi dito por Liziana “a associação foi criada no ano passado para conter os camelôs, para manter só o pessoal antigo, que já estava aqui”. Essa fala me leva a pensar sobre o papel dos órgãos públicos nessa ocupação. Pelo que percebi, a atividade que envolve os animais recebe agora, uma maior fiscalização, inicialmente por parte da sociedade protetora dos animais e agora pelas leis

federais, estaduais e municipais, mas, e as outras atividades: o comércio ambulante, os vendedores de picolé, pipoca, brinquedos, bolas, estalinhos, quem os fiscaliza?

Algumas vezes procurei obter maiores informações sobre o processo de ocupação da praça, mas esse não é um assunto que agrade aos que lá trabalham. Algo que me deixava confusa, era a hipótese de que, o grande número de pessoas que enchia a Praça nos finais de semana se dava, justamente, em função da singularidade do produto ali oferecido. Onde mais encontrar cavalos em um lugar aberto no Rio de Janeiro? Desse modo, as crianças tornaram-se o público alvo, enquanto a atmosfera bucólica que envolvia os passeios de charrete pelas ruas de arquitetura preservada da Tijuca, foi abrindo portas para outras propostas. Em todas elas, o que encontramos em comum é o que marca a sociedade capitalista, a transformação de desejos em mercadorias, o dinheiro como mediador. É claro que, como já foi apresentado, nem tudo na Praça dos Cavalinhos está ligado ao comércio, ela também é a praça do encontro. Porém não podemos fechar os olhos e deixar de questionar se a Praça dos Cavalinhos, com tudo o que ela oferece, é uma praça para todos. Não devemos esquecer que esse se trata de um espaço público que, por natureza, é um espaço dos homens. Segundo Buarque de Holanda “Público adj. 1. Relativo ou destinado ao povo, à coletividade, ou ao governos de um país.”

“Sábado, 02 de agosto, época de férias escolares; tenho passado pela praça também na volta para casa, sempre tenho dado uma olhada; notei que com a chegada do inverno a aparência das árvores está diferente. As folhas em menor quantidade e amareladas. A praça é muito bonita!

Na verdade dei por encerrada uma das etapas da pesquisa, a que tinha como objetivo mais específico o cercado. Agora, aproveito as minhas férias e também as férias escolares para ver se há alteração na rotina da praça. Hoje iniciei a etapa que visa observar os brinquedos pagos, como estou tendo dificuldade em perceber com os olhos das crianças, vou tentar conversar com elas para ver se faço algumas entrevistas exploratórias.

Quando cheguei, o vendedor de balões estava dentro do cercado, agora está fora. Lembrei-me da fala categórica da presidente da associação de que não podia haver comércio dentro do cercado. Que exceção seria aquela, aberta para os balões? Era claro para mim que a presença do vendedor estava alterando a dinâmica do cercado, muitas crianças estavam pedindo aos pais que os comprassem. Deixo o vendedor de balões para traz e passo a observar os carrinhos eletrônicos. São muitos, pelo menos vinte, administrados por duas pessoas que têm ajudantes. As crianças que estão neles, pelos sorrisos, parecem se divertir, a maioria anda sozinha. Os pais ficam ao redor, alguns seguem ao lado, outros orientam o carrinho com as mãos ou com cordinhas.

Uma criança desiste de brincar no carrinho antes do término do tempo, a pessoa que lhe acompanha reclama, insiste para ela brincar mais dizendo “eu vou ter que pagar, brinca!” e a criança desiste e elas saem a caminho da cama elástica.

Diferente do que eu pensava, nem todas as crianças se mostram ligadas nos brinquedos, algumas estão sentadas nos bancos observando, tem uma, muito compenetrada comendo pipoca. Tentei me aproximar, perguntei ao pai se podia conversar com ela. Não tivesse sucesso, mesmo com a autorização do pai, a criança não emitiu uma só palavra, deixo a praça frustrada!” (Caderno de campo 02/08/03)



Foto 10 - pula-pula

Em entrevista com Claudia, administradora dos carrinhos elétricos, procuro saber sobre as condições para utilização de seu produto. Segundo ela, são oferecidas diferentes oportunidades para que todos possam utilizar seus brinquedos. Em entrevista ela emite sua opinião sobre o consumo na praça: “Olha, eu venho sentindo uma queda na procura das crianças pelos brinquedos. Porque o poder aquisitivo das pessoas, há mais ou menos quatro anos vem caindo muito, independente se pracinha ou lugar público, qualquer lugar que você vá hoje em dia. Ontem mesmo eu saí com o meu filho e tanto eu como outra pessoa “eu quero isso, eu quero aquilo” “não, não pode” então quer dizer, isso está generalizado, realmente acontece, por isso nós temos vários preços, para tentar atingir a todas as faixas econômicas. Tem de dois reais, tem de quatro, reais tem de quinze reais, a

criança não sai daqui “e eu nunca vou poder andar nisso!” inclusive é um tipo de brinquedo que é caro. Nem todo mundo tem a disponibilidade de dinheiro para poder chegar em uma loja e comprar, não tem, realmente está um absurdo, já teve situações do pai dizer “ah, mas poxa dez minutos é muito” “não tem menos tempo” entendeu, eu já tive clientes de andar cinco vezes, mas hoje em dia só anda uma”.

Segundo sua fala, houve uma diminuição pela procura dos brinquedos, mas é uma atividade que, de um modo ou outro, está ao alcance de todos. Conversando com as crianças, porém, não é isso o que percebo:

Pergunto a Tiago se ele utiliza os brinquedos que ficam na praça nos finais de semana e ele me responde “não, porque tem que pagar”. Silvan (oito anos) e Tailan (oito anos) dizem que gostam do escorrega, do balanço e da gangorra. Falam que no final de semana a praça fica mais cheia. Segundo eles: “tem brinquedos, carrinhos. Pergunto então como é o funcionamento desses brinquedos e Silvan me responde “eles botam as crianças para pagar, eu acho que é um abuso deles.”

A fala de Silvan mostra como as crianças se sentem excluídas, e têm uma leitura crítica do comércio na praça. Se uma leitura tão crítica vinda de uma criança de oito anos pode pegar um adulto desprevenido, como aconteceu comigo, não poder brincar é o que parece ser estranho para elas.

Jenifer (nove anos) me diz que “no final de semana tem mais coisa. Tem pula-pula!”. Seus olhos brilham ao falar sobre o brinquedo. Pergunto se ela anda no brinquedo e ela responde, abaixando o olhar: “quando não tem dinheiro tem que ficar só no balanço. Tudo bem!”.

A mãe de Marcus (quatro anos) me diz que seu filho não vai a tudo “primeiro pela questão do limite. Eventualmente ele anda de cavalinho”. Diz que não traz o seu filho em função dos brinquedos pagos. “Eu quero que ele se socialize, por isso venho aqui. Existe um comércio aqui, você vê, eles são mal tratados (referindo-se aos cavalos). Essa parte do consumo eu vejo assim: Tem pai que trabalha fora aí, no final semana, ele consome. Porque é assim: eu que não tive, eu vou dar para o meu filho.”

Ao longo da observação encontrei várias vezes com um vendedor de sorvete que anda ao redor do cercado, sempre no meio da tarde. Seu carrinho é equipado com um alto falante e a música que toca faz com que sua presença não

passse despercebida. Em determinado momento a música pára e ele, olhando para as crianças que estão lá diz: “Chora neném que a mamãe compra um picolé para você”. Uma mãe, que estava ao meu lado, mostrou-se revoltada com a postura do ambulante. Ela dizia “eu já falei para ele, não adianta chorar que eu não tenho dinheiro, eu dou o que eu posso, não adianta chorar”.

Seguindo nesse sentido, da praça como um espaço de todos, público, pergunto a Claudia se ela percebe a presença de crianças menos favorecidas economicamente. Ela me diz que “sim, inclusive são os que menos me dão problemas. Chegam, se podem andar andam, se podem pagar, pagam, se não podem as crianças olham...” Pergunto se ela acha que elas estão em número igual às crianças que vem à praça de todos os lugares buscando seus atrativos. Ela responde: “eu acho que, para utilização, elas estão em minoria, mas elas freqüentam a praça. Aqui é um lugar público que tem coisas para serem pagas. Às vezes elas utilizam os brinquedos, não é sempre, outras vezes vem só para brincar, para andar de bicicleta, jogar bola. Então em termos de freqüência estão em igual número, em termos de utilização, deixam um pouco a desejar, porque as pessoas de outros lugares que vem para cá, elas já vem para gastar. Elas sabem que existe este espaço, elas sabem que tem cavalos, elas sabem que tem carrinhos, que tem cama elástica, então, já vem com uma predisposição de gastar, já vem com uma certa quantia predeterminada para gastar, porque aqui você também presencia o pai dizer “você tem tanto” é tipo uma mesada, para ensinar as crianças a usar o dinheiro. Nessa situação eu acredito que elas não estão muito presentes, mas utilizam, vem, brincam”.

Andando pela praça percebo que levar as crianças embora não é uma tarefa fácil, os pais fazem todos os tipos de negociação sendo bem sucedidos quando dizem “eu vou ali te mostrar uma coisa” “vamos embora tomar sorvete” “ih, vem o bode aí, ele vai te pegar”. Os adultos resolvem este momento sempre com uma troca e muitas crianças parecem já dominarem este jogo, não aceitam o que eles estão falando, algumas acabam indo, chorando, mas a maioria ao final se mostra convencida. No mundo do consumo, a troca parece ser a mercadoria mais valiosa.

### 4. 2. 3

**“Minha neta tem um balanço todo equipado em casa, ela não brinca e chega aqui quer andar nesse balanço que não tem encosto”**

De todos os desafios postos à elaboração da pesquisa, o mais difícil foi encontrar um caminho para estar com as crianças. Inicialmente meu desejo era realizar entrevistas coletivas, fazer alguma atividade, como, por exemplo, contar uma história e iniciar a conversa. Logo nas primeiras incursões percebi que isso não seria possível, a praça fervilhava! Lembro-me que o primeiro dia no campo foi sábado, 29 de março de 2003. Na ocasião fazia muito sol, calor, e eu estava invadida por uma certa emoção que se misturava ao desconforto por observar as pessoas sem suas autorizações. O dia também foi marcado pela inauguração do diário de campo, momento solene para uma jovem pesquisadora. Até então, não sabia o verdadeiro valor que tal instrumento teria para a pesquisa. Minhas primeiras anotações contam que, ao chegar à praça, fui assolada por uma claridade muito grande; pesquisador na cidade tem que levar alguns equipamentos extras, esta foi minha primeira constatação. Que bem me faria agora um par de óculos escuros! Já estava no centro da praça, quando percebi que também deveria ter levado uma cadeira. Muitos eram os bancos, mas todos estavam ocupados.

“Cheguei à praça. Nossa, quanta gente!!!

A diversidade me parece tanta que nem sei por onde começar. Tem tanta gente aqui que a princípio já posso dizer que as pessoas estão sedentas pelo espaço público e o ocupam. Como se dá esta ocupação? Parece-me que terei de passar muito tempo aqui para poder captar qualquer coisa. O local é muito colorido, efervescente.

No momento escrevo em pé, embora sejam vários os bancos, todos estão ocupados, um forte cheiro de pipoca invade o ar.

Chamou minha atenção imediata o número de adultos homens que acompanham sozinhos as crianças.

Arrumei um banco. Ao meu lado duas mulheres conversam.

A diversidade é tamanha. Tem gente de todas as idades. (Caderno de campo 29/03/2003)

Invadida pela diversidade do local, percebi que não era possível observar a praça como um todo. A falta de um lugar apropriado, o calor e a inexperiência me deixavam tonta. A esta altura já me perguntava se realmente existia objeto de pesquisa naquele lugar, hora de ir embora!

Fui embora. Nos dias seguintes, porém a imagem da praça me acompanhava e eu pensava em como encontrar as crianças diante dessa realidade. Esse encontro não foi fácil. Várias foram as tentativas até que eu, mais íntima do local, passei a abordar as crianças e seus responsáveis. As crianças de modo geral foram receptivas, embora destinassem pouco tempo para as minhas perguntas. Suas falas eram objetivas e, estando eu satisfeita ou não, elas viravam as costas e voltavam para a brincadeira. Essa atitude por parte das crianças me inibia, sabia que o tempo que gastavam comigo deixavam de brincar. Na busca de uma aproximação com algo que pudesse ser significativo para elas, passei a levar para a Praça canetas coloridas e papel. Durante a conversa sugeria que elas desenhassem a praça ou o que mais gostassem da praça. A proposta do desenho foi muito bem recebida. As crianças desenhavam, tendo como apoio o fraldário, enquanto conversavam comigo ou após a conversa. Os desenhos foram realizados individualmente.

Estava estabelecida assim, uma estratégia que favoreceu nosso encontro. As falas das crianças e seus desenhos apontam para o mesmo sentido das minhas observações: seus deslocamentos são realizados em função das possibilidades do espaço. Para as brincadeiras elas utilizam os locais livres ou abrem brechas entre as mesas de jogos, ocupam a quadra de bocha e a pista de caminhada. O espaço é, constantemente, resignificado. O tampo das mesas deixa de ser local para as peças dos jogos e torna-se caminho para os carrinhos, os ferros que servem como suporte para o bamp jump se transformam em obstáculos a serem transpostos com os velotrols ou em trave para uma partida de futebol.

O cercado é o espaço mais procurado da Praça, tanto no meio, quanto no final de semana. Nas conversas e nos desenhos das crianças<sup>11</sup> aparecem suas preferências pelos brinquedos que ali estão. O balanço, o escorrega, a gangorra e o trapa-trepa são os favoritos. Essa escolha me leva a pensar novamente sobre a ocupação desse espaço. Em suas falas, as crianças não pedem mais cavalos ou carrinhos, querem que a prefeitura coloque mais brinquedos e reclamam da fila que é formada para utilizá-los no final de semana “Eu acho que a prefeitura devia colocar mais brinquedos, tem fila para brincar” Narã (oito anos). As mães também chamam atenção para o fato de que, no final de semana, o espaço do

---

<sup>11</sup> Anexos

cercado fica muito cheio, não dando vazão às necessidades das crianças. Retomando o exercício de olhar a praça como quem vê uma fotografia, posso afirmar que o espaço destinado às atividades pagas é maior do que o espaço da brincadeira com equipamentos públicos.

Diante disso, me pergunto: que entretenimento temos oferecido às crianças? Qual o valor da brincadeira na contemporaneidade? Precisamos lembrar que é no brincar que a criança recria o mundo que a rodeia, resignificando a cada instante o universo do qual faz parte e que, as brincadeiras e os jogos garantem a elas formas próprias de compreender o mundo físico e social, facilitando seu relacionamento com ele.

Ao brincar, a criança se diverte, aprende regras de convivência, se reestrutura emocionalmente, amplia sua capacidade de lidar simbolicamente com o real. À medida que não existe brincadeira sem regras, muitas vezes ao longo do percurso é preciso renunciar ao seu desejo, aprendendo a lidar com a frustração. Temos de pensar mais criticamente sobre a ocupação dos espaços públicos de nossa cidade.

É preciso que asseguremos esse direito para a criança, pois, embora os estudos e pesquisas tragam essas considerações, vemos uma forte tendência, na sociedade de consumo, em valorizar muito mais o brinquedo do que o próprio ato de brincar. Podemos dizer que boa parte dos brinquedos presentes na Praça dos Cavalinhos obedece a essa lógica, principalmente os carrinhos elétricos, pois eles não se propõem a ser mediadores entre as crianças. São o início, o meio e o fim da brincadeira. Dentro de sua execução, as crianças tornam-se expectadoras. Não é a criança que dá funções ao brinquedo, é o brinquedo que impõe à criança a sua execução.

Baudrillard (1995) ao pensar sobre a sociedade de consumo constata que *existe hoje uma espécie de evidência fantástica do consumo e da abundância, criada pela multiplicação dos objetos, dos serviços, dos bens materiais, originando como que uma categoria de mutação fundamental na ecologia da espécie humana. Para falar com propriedade, os homens da opulência não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas mais por objetos.(...) Vivemos o tempo dos objetos: quero dizer que existimos segundo o*

*seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente.* (Baudrillard, 1995:15)

Como atores sociais, é indispensável que as crianças possam construir, no tempo presente, modos críticos e criativos de ser e de se expressar; a brincadeira tem um importante papel nesse sentido. Vygotsk (apud. Jobim e Souza,1996) mostra que, ao brincar de escola, de mãe e filha, a criança está, na verdade, construindo sua subjetividade, tentando, a partir de uma lógica interna, compreender e assumir papéis sociais. Como se vê, diferentemente da conotação instrumental do brincar, as brincadeiras são indispensáveis para a emancipação imediata da criança. Assim, o que me deixa mais surpresa é que, as crianças entrevistadas, em suas falas privilegiam os encontros e elegem os brinquedos que propõe integração e que podem ser controlados por elas, como seus favoritos. Mesmo sendo esses seus desejos, há medida em que a ocupação é realizada de forma desregulada, o espaço físico da Praça se torna cada vez menor, sendo ocupado por brinquedos que, ao serem pagos, nos levam a questionar a função pública do local. Pessoalmente, ao analisá-los penso que são poucas as possibilidades estão ali presentes. Não que não possa ser agradável ou divertido ficar pulando em uma cama elástica ou ser suspenso por elásticos no Bump jump, mas este parece ser um lazer ligado à sensação, ao que ele pode fazer com as crianças, com seus corpos, com suas adrenalinhas e não com seus potenciais de fantasia e imaginação.

#### **4. 3**

#### **Dos espaços-ambientes às muitas fronteiras da Praça**

Ao realizar a pesquisa de campo e tendo como foco esses dois espaços-ambientes, passei a perceber as semelhanças e diferenças na rotina da praça. Queria ir ao encontro do conflito, da lógica que define a especificidade daquele lugar. A lógica da ação das pessoas e de suas interações na e com a praça.

Nos primeiros dias em que me dediquei ao trabalho de campo, percebi uma rotina na forma como a praça era utilizada nos dois espaços-ambientes. A praça parecia adaptar-se aos seus usuários. Ficava alegre e colorida com a

presença das crianças no final de semana. Com os idosos no meio da semana, o clima era de disputa nos jogos realizados nas mesas. O grupo era grande e contava até com uma pequena platéia. Tornava-se um espaço de recolhimento no início da manhã e no final da tarde, para quem faz ali suas caminhadas. Era adequada para brincadeiras rápidas na hora da entrada e da saída da escola e, à noite, um local para caminhar com o cachorro, fazer ginástica ou namorar. No entanto, notei que as coisas que aconteciam na praça não se misturavam muito, embora fosse possível uma pessoa transitar com facilidade entre os espaços-ambientes da praça, isso não acontecia com frequência. Pude notar que, na maioria das vezes, as pessoas que vêm à praça têm um objetivo: quando vêm para andar de bicicleta ficam dando voltas ao redor da praça, se vêm jogar, dirigem-se direto às mesas e permanecem por lá, os namorados procuram mais os bancos mais protegidos pela sombra das árvores. Uma ocasião, um casal estava namorando à tarde, em um dos bancos que fica dentro do cercado. Os responsáveis pelas crianças mostravam-se desconfortáveis com a situação e cruzavam olhares entre si, embora ninguém tenha feito qualquer tipo de reclamação para o casal. Outras vezes vi situações semelhantes, mas nunca as reclamações se dirigiram àquele que, de um modo ou outro, quebrava uma possível regra de utilização da praça. No entanto, no que diz respeito a regras para sua utilização, só encontrei um cartaz, com uma advertência: “É proibido jogar bola na praça”. Notei que, nos modos de uso (Certeau, 1994) da praça as regras vão muito além do uso de bolas, estão implícitas nas atitudes de seus ocupantes e são construídas socialmente a cada dia, com base nos códigos culturais que estão ali presentes.

Essas regras estão presentes na maioria das ações dos freqüentadores da praça e se revelam na rotina que os envolve como: os cães nunca são levados para passear dentro do cercado, as mesas com toldos são sempre ocupadas pelo mesmo grupo de homens, os taxistas que param seus carros para dar uma olhadinha no jogo ficam em redor das mesas, o vendedor de picolé faz o mesmo circuito todas as tardes e, ao cair do dia, e pela manhã, a praça é tomada por praticantes de esportes. Os homens e as mulheres usam a pista para caminhadas enquanto os mais jovens, presentes com mais frequência à noite, um grupo que – segundo suas conversas parece se conhecer da escola pública ou da comunidade - ocupa os aparelhos para exercícios físicos em uma atitude que mescla a realização dos exercícios com a demonstração de seus atributos físicos.

O que é interessante, ao observarmos a relação das pessoas com a praça, é que, na maioria das vezes, elas ocupam seu espaço físico em função do que ele oferece, formando então, pequenos grupos que estão juntos não em função de afinidade pessoais, mas de afinidade com o espaço. Passei muito tempo intrigada com a dinâmica desses grupos, já que era claro para mim, que não existiam muitos laços que os unissem fora da praça, com exceção dos jovens. Entretanto, ao analisar a praça como quem vê uma fotografia, buscando não as interações, mas uma imagem das pessoas no espaço, passei a enxergá-la dividida em pequenos espaços-ambientes, com práticas distintas. Cada um deles assumia, de acordo com as ações ali realizadas, um espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolvia uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (Magnani, 1998: 116). A praça era composta por pedaços definidos pelas fronteiras físicas e pelas redes de significados tecida por seus ocupantes. A praça nesse sentido tem uma importante função já que, como afirma Magnani *é principalmente o lugar de moradia que concentra as pessoas, permitindo o estabelecimento de relações mais personalizadas e duradouras que constituem a base da particular identidade produzida no pedaço. E é no espaço regido por tais relações onde se tece, enfim, a trama do cotidiano* (Magnani, 1998: 117)

O pedaço é delimitado por fronteiras que compõem a praça. Essas fronteiras são determinantes pela forma como o espaço é ocupado e interferem diretamente em sua dinâmica. Às vezes me pergunto, como seria a praça se o cercado que envolve os brinquedos não existisse.

A reação das pessoas diante do namoro no banco dentro do cercado, ou a maneira como os seus usuários usam esses espaços, me mostrou que a praça não é feita somente de fronteiras físicas. No caso que apontei, foram as fronteiras simbólicas que fizeram com que o local escolhido para o namoro parecesse inadequado. As fronteiras físicas são percebidas em um primeiro olhar. Algumas são mais visíveis, como o cercado que envolve os brinquedos ou o espaço destinado à prática de esportes, outras são menos aparentes, como o espaço dispensado aos camelôs, nos finais de semana, ou as mesas selecionadas para os jogos, porém, todos eles compõem a praça. No caso das fronteiras simbólicas, sua

percepção só se torna-se possível mediante uma observação sistemática e atenta, já que não existe um estatuto para utilização da praça.

Assim, ao perceber a dinâmica da Praça, entendo a necessidade de se ampliar esse olhar para os espaços públicos e as interações que as crianças estabelecem com e na cidade.

Diante dessas considerações sinto ainda necessidade de destacar algumas questões da pesquisa. A primeira foi a dificuldade em obter dados referentes à praça e indicadores do bairro. Vendo o reconhecimento da praça por parte de vários moradores da cidade e, sabendo da importância do bairro não imaginava ter que transpor tal obstáculo. Outro fator que merece consideração foi o sentimento de que, ao iniciar a pesquisa, o campo me fisgou e, ao viver sua dinâmica, acabei sacrificando outras possibilidades de análise, deixando sem respostas algumas questões de meu maior interesse, e que foram motivadoras deste estudo. Se, por outro um lado, o campo me fisgou, por outro, se entregou a minha pesquisa como quem mergulha junto em uma expedição por mares desconhecidos. Seu espaço, sempre disponível e a presença constante de seus freqüentadores faziam com que eu me sentisse intrigada a investigar sua dinâmica. Grande parceira!

Ao término posso dizer que não só o espaço é o responsável por essa pesquisa, o tempo também teve lugar especial. Assim como pesquisava o espaço, administrava o tempo. Nem sempre essa equação foi equilibrada. Acordar e ver o céu carregado de nuvens e esperar por dias de sol, que angústia! Não conseguir conversar com as pessoas que estavam na praça e saber em outros locais, em conversas informais, dados que seriam importantes para a pesquisa. Como transformar em depoimento as falas das muitas pessoas que cruzaram meu caminho, ao longo desse período e, ao ouvirem “eu pesquiso crianças na Praça dos Cavalinhos” me diziam conhecê-la e imediatamente começavam a narrar suas vivências nesse espaço. Como não foram depoimentos colhidos na praça, essas histórias serviram apenas para mostrar que aquele era realmente um lugar significativo para a infância na cidade. Hoje vejo que a praça não é só dos grupos que a freqüentam, a praça está envolvida em uma teia maior, a teia que compõe a cidade. Assim, ela é também do meu médico que mora em laranjeiras, trabalha no Leme e hoje já está com seus filhos crescendo: “eu passei por essa praça pela primeira vez há quarenta anos, quando eu vi aquele lugar achei incrível e pensei, vou trazer meus filhos aqui sempre, mas só levei mesmo uma vez, foi uma pena.”

Transformar os depoimentos colhidos na cidade sobre a praça foi desejo não contemplado pelo tempo e pela falta de uma metodologia que me ajudasse nessa tarefa. Mais uma vez o tempo. O tempo que na praça às vezes parecia longo, esperar as interações entre as crianças. Quando estávamos juntas, aí sim, parecia que os minutos se transformavam em segundos. Ao abordar as crianças, os sorrisos e os olhares para os brinquedos, por cima de meus ombros, me diziam que para elas também o tempo é curto, o tempo precioso do brincar. O tempo fugaz de sua atenção. Fora da praça, o tempo dos adultos, dos prazos, o tempo que me avisa agora que é preciso colocar um ponto final. Tento convencê-lo de que ainda há muito a ser dito e ele me mostra, com as horas marcadas do relógio do computador, que nenhum tempo será suficiente para descrever, analisar, interpretar um tema tão rico e tão envolvente quanto esse.